



“E disse Deus: Façamos o homem à nossa imagem, conforme nossa semelhança; ... **E Deus criou o homem à sua imagem; à imagem de Deus o criou; homem e mulher os criou.**” (Gênesis 1.26-27 – Almeida Século 21)

#### 1. PROLEGÔMENOS

No meio evangélico frequentemente ouvimos – em palestras, estudos, sermões e até mesmo em conversas informais – a declaração de que o homem foi criado à “imagem de Deus”.

Mas tendo em vista que a incomensurável grandeza de Deus não pode ser reduzida a uma proporção física, e que os escritores bíblicos lançaram mão de figuras antropomórficas<sup>1</sup> e antropopáticas<sup>2</sup> para descrever Deus (que ao longo da história humana se manifestou de diversas formas<sup>3</sup>), o que realmente significa afirmar que o ser humano foi criado à “imagem de Deus”? Fornecer a resposta para essa e outras questões correlatas, é o objetivo deste presente estudo.

#### 2. A “IMAGO DEI”

O termo “*Imago Dei*” é latim e serve para expressar o conceito teológico (no cristianismo e judaísmo) que afirma que os seres humanos possuem a “imagem de Deus” e, portanto, têm valor inerente a Ele.

<sup>1</sup> **Antropomorfismo.** Do grego ἄνθρωπος (*anthropos* = “homem”) + μορφή (*morphé* = “forma, figura, aspecto exterior”). Significa literalmente “*de forma humana*”. É a ideia atribuir a Deus alguma espécie de formato, similar à anatomia humana, visto que Deus é Espírito e não tem partes como um homem.

<sup>2</sup> **Antropopatismo.** Do grego ἄνθρωπος (*anthropos* = “homem”) + παθεῖν (*patheîn* = “sofrer, suportar”). O termo “sofrer” tem o sentido de “passar por”, “experimentar”. Significa que Deus “experimenta”, ou “passa por” experiências ou sentimentos humanos. Esse termo grego se refere à atribuição de sentimentos humanos a qualquer coisa não humana, como objetos inanimados, animais, poderes da natureza, seres espirituais e Deus.

<sup>3</sup> Como exemplos da manifestação de Deus temos a sarça ardente (cf. Êxodo 3.2), relâmpagos, trovões, sons de buzina e monte fumegante (cf. Êxodo 19.16-19; 20.18), fogo vindo do céu (cf. 1Reis 18.36-38; 2Reis 1.12; 2Crônicas 7.1), vozes (cf. Mateus 3.16-17; 17.5; João 12.28), visões (cf. Atos 7.55-56; 9.3-6) e outros.

O conceito de “imagem de Deus”, do hebraico **צֶלֶם אֱלֹהִים** (*tzelem Elohim*), em primeiro lugar **indica uma correspondência entre o ser humano e Deus**. A humanidade não se originou de um processo evolutivo aleatório, mas de um ato consciente de Deus. O homem ocupa uma posição especial dentro da criação de Deus, sendo o único capaz de escutar Deus e, em seguida, responder e obedecer à Sua voz. A imagem de Deus é intrínseca à humanidade. A imagem de Deus distingue o homem de todas as outras criaturas. Sem ela não seríamos humanos. De toda a criação, somente nós somos capazes de ter um relacionamento com o Criador e de reagir a Ele. Em passagem alguma das Escrituras está implícito que Deus se relaciona com animais ou plantas. Só pessoas conversam com Deus.

A “imagem de Deus” também **se estabelece na relação de domínio do homem sobre toda a criação**:

*“... **Dominem eles sobre os peixes do mar, sobre as aves do céu, sobre o gado, sobre os animais selvagens e sobre todo animal rastejante que se arrasta sobre a terra.**” (Gênesis 1.26b – Almeida Século 21)*

O texto bíblico acima contém um plural. Nele, vemos a presença do vocábulo **אָדָם** (*adām*), que nesse caso deve ser entendido coletivamente (como humanidade). Deus criou a humanidade e toda a criação de Deus é o mundo do ser humano e, assim como Deus, ele tem poder de decisão na criação (isto é, o domínio da terra em geral), sendo capaz de projetar o futuro ou causar alterações no mesmo:

*“E o SENHOR Deus formou da terra todos os animais do campo e todas as aves do céu, e os trouxe ao homem, para ver como lhes chamaria; e o nome que o homem desse a cada ser vivo, esse seria o nome deles. Assim o homem deu nomes a todo o gado, às aves do céu, e a todos os animais do campo...” (Gênesis 2.19-20a – Almeida Século 21; cf. Tiago 3.7)*

Assim como no Oriente antigo, onde a estátua (imagem) de um rei significava a manifestação do seu domínio na região em que a estátua era posta (cf. Daniel 3.1, 5), o ser humano é estabelecido como estátua (imagem) de Deus na criação. Ele documenta que Deus é o Senhor da criação; mas ele também pratica o domínio de Deus como seu administrador. O sentido de coroação do ser humano é visto no fato de que ele domina<sup>4</sup> as obras do poder criador de Deus, sendo tudo posto sob os seus pés:

*“Tu o fizeste [o homem] um pouco menor que os anjos<sup>(\*)</sup> e o coroaste de glória e honra. **Deste-lhe domínio sobre as obras das tuas mãos; tudo puseste debaixo de seus pés: todas as ovelhas e os***

<sup>4</sup> A significação “dominar” talvez tenha-se originado da significação “pisar” (cf. Joel 3.13), para descrever o pisar no lagar. Designa sempre uma ação na qual o ser humano, com o emprego da força, faz com que alguma coisa lhe sirva (cf. Josué 18.1).

*bois, assim como os animais selvagens; as aves do céu, os peixes do mar, e tudo o que percorre as veredas dos mares.*” (Salmo 8.6-8 – Almeida Século 21)

Na passagem bíblica acima, para o substantivo “anjo”, não é utilizado o vocábulo hebraico מַלְאָךְ (*mal’āk = mensageiro*) – o que seria normal – mas אֱלֹהִים (*Elohîm = Deus*). De forma que a melhor tradução para o início do versículo seria: *“Tu fizeste o homem um pouco menor do que Deus...”*.

A “imagem de Deus” é estabelecida exclusivamente para domínio sobre toda a criação fora do ser humano, mas não para o domínio sobre os seres humanos. A sujeição do mundo não deve trazer perigo ao ser humano; o domínio do ser humano sobre os outros adultera a imagem de Deus. Isso significa, obviamente, que a escravidão não é correta. Além disso, a “imagem de Deus” no mundo é definida como a humanidade de dois sexos (cf. Gênesis 1.27). Justamente em sua união, eles são a imagem de Deus, complementando-se como homem e mulher.

A “imagem de Deus” não se perdeu em consequência do pecado ou, especificamente, da queda. Nesse caso, a “imagem de Deus” não é algo acidental ou externo à natureza humana. É algo inseparavelmente ligado à humanidade.

Não há indicação de que a “imagem de Deus” esteja presente em maior grau em uma pessoa que em outra. Dotes naturais superiores, tais como inteligência elevada, não são provas da presença ou gradação da “imagem de Deus”. Além disso, a “imagem de Deus” é algo localizado na própria natureza dos homens, na maneira pela qual são formados. Ela diz respeito ao que *somos*, não ao que *temos* ou *fazemos*. Todos os homens, embora pecadores, ainda são feitos à imagem de Deus (cf. Gênesis 9.6).

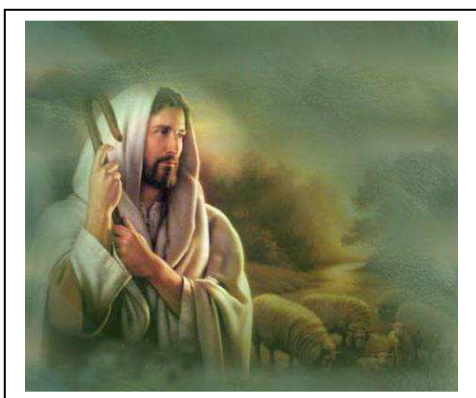
Em Gênesis 1.26, ao lado da expressão “imagem de Deus”, figura o termo “semelhança”, do hebraico כְּדִמוּתִי (*kidmutenu = similaridade*), que pode expressar proximidade e parentesco (acentuando dessa forma a relação íntima) como aconteceu com Adão em decorrência do nascimento do seu filho Sete:

*“E Adão viveu cento e trinta anos, e gerou um filho à sua semelhança, conforme a sua imagem, e chamou o seu nome Sete.”* (Gênesis 5.3)

A semelhança de Deus consiste nas aptidões da personalidade que nos fazem com que cada ser humano seja, como Deus, capaz de interagir com outras pessoas, pensar e refletir, e possuir livre arbítrio. É aquele conjunto de qualidades de Deus que, refletidas nos homens, tornam possíveis os relacionamentos e o exercício do domínio. Quando usamos essas aptidões para esses fins, somos, de modo mais pleno, o que Deus queria que fôssemos. É então que somos mais completamente humanos.

### 3. A “IMAGEM DE DEUS” EM JESUS

Deus fez o ser humano para que este pudesse ser ou tornar-se o que Deus pretendia. A relação do ser humano com Deus não é algo que lhe foi acrescentado; mas é o âmago e o fundamento da sua humanidade. Porém, não há como sermos aquilo que somos no coração de Deus, se nós não nos voltarmos para a vida e obra do Senhor Jesus Cristo. Deus, pelo Seu decreto, nos predestinou “*para sermos conforme a imagem de Seu Filho*” (cf. Romanos 8.28-29), “*refletindo, como um espelho, a glória do Senhor, (...) na mesma imagem, como pelo Espírito do Senhor*” (cf. 2 Coríntios 3.18).



Devemos nos moldar de acordo com Jesus, que é a revelação completa de como é a “imagem de Deus” (cf. 2 Coríntios 4.4). Ele é a imagem plena do Deus invisível (cf. Colossenses 1.15) e a única pessoa cuja humanidade nunca foi maculada (cf. Hebreus 4.15).

Em sua epístola aos cristãos em Colosso, o apóstolo Paulo declara que o cristão deve se revestir (em Cristo) do novo homem, “*que se renova para o conhecimento, segundo a imagem daquele que o criou*” (cf. Colossenses 3.10). Um pouco antes, mas na mesma epístola, o apóstolo declara que em Cristo “*habita corporalmente toda a plenitude da divindade*” (cf. Colossenses 2.9). De forma que, olhando para o Senhor Jesus e O colando como nosso referencial, notamos que a nossa semelhança com Deus trafega em três áreas:

**1. A nossa semelhança com Deus é mental.** Deus é espírito, a alma humana é um espírito. Os atributos essenciais de um espírito são razão, consciência e vontade. Um espírito é um agente racional, moral e portanto também livre. Ao criar o homem à Sua própria imagem e semelhança, Deus o dotou com aqueles atributos que pertencem à Sua natureza como um espírito.

**2. A nossa semelhança com Deus é moral.** A Bíblia diz que o novo homem “*criado segundo Deus, em verdadeira justiça e santidade*” (cf. Efésios 4.24). Diante disso podemos indubitavelmente inferir que originalmente o homem possuía tanto retidão como santidade. O homem foi criado positivamente santo. A condição regenerada do homem é uma restauração a este estado primitivo.

**3. A nossa semelhança com Deus é social.** A natureza social de Deus é embasada em suas afeições. Assim como Deus tem uma natureza social, Ele também dotou o homem de uma natureza social. Conseqüentemente, o homem procura companhia. O amor humano e interesses sociais brotam diretamente dessa semelhança social do homem com Deus.

**BIBLIOGRAFIA**

ERICKSON, Millard J.. *Introdução à teologia sistemática*. Trad. Lucy Yamakami. São Paulo: Vida Nova, 1997. 207, 217-226 p.

HOUSE, Paul R.. *Teologia do Antigo Testamento*. Trad. Marcio Redondo e Sueli Saraiva. São Paulo: Vida, 2005. 76-77 p.

SMITH, Ralph L.. *Teologia do Antigo Testamento: história, método e mensagem*. Trad. Hans Udo Fuchs. São Paulo: Vida Nova, 2001. 228-236 p.

THIESSEN, Henry Clarence. *Palestras em teologia sistemática*. São Paulo: Imprensa Batista Regular, 1987. 150-153 p.

WOLFF, Hans Walter. *Antropologia do Antigo Testamento*. Trad. Antonio Steffen. São Paulo: Hagnos, 2007. 226, 245-253 p.